

DGArtes promete aumentar apoio financeiro ao maior festival de teatro do país



A 36.ª edição do Festival de Almada traz, mais uma vez, produções nacionais e internacionais. Homenageia Carlos Avilez e vai passar por palcos de Almada, Lisboa e Cascais. Na apresentação do programa o director da DGArtes afirmou que o Festival vai ter mais apoio financeiro

POR HUMBERTO LAMEIRAS

O Festival de Almada apresenta este ano 38 espetáculos de teatro, dança e música em 11 palcos almadenses, 3 em Lisboa e um em Cascais, e homenageia uma das maiores figuras do teatro português, Carlos Avilez. Uma das novidades são duas peças que vão ter como palco a rua; quase um regresso às origens de um Festival que saltou do Pátio do Prior do Crato, em Almada Velha, para veias internacionais.

De 4 a 18 de Julho, a 36.ª edição traz mais uma vez produções nacionais e internacionais dentro de uma programação “voluntariamente eclética” ao reflectir “realidades e preocupações do século XX que se têm prolongado e agravado neste século XXI, propondo diferentes olhares sobre temas cadentes dos nossos dias”; temas que atravessam fricções sociais e a “ascensão

dos regimes políticos autoritários”.

São palavras de Rodrigo Francisco, evocadas por Teresa Gafeira que, este ano, apresentou o programa do Festival no lugar do director artístico do Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB), devido à sua ausência na sequência de um acidente de viação, no final de Maio. E as primeiras palmas do Festival foram para ele mesmo ainda durante a apresentação do programa, na Casa da Cerca, onde não pode ouvir o director da Direcção-Geral das Artes (DGArtes) afirmar que “o Estado Central deve estar mais presente no apoio ao Festival de Almada”.

Américo Rodrigues perfilha que o apoio financeiro à Companhia de Teatro de Almada, que organiza o Festival, “tem sido escasso relativamente ao que merece”, e abria a porta do reconhecimento do Ministério da Cultura a uma “evidência de referência nacional e internacional”, sendo um “bom exemplo daquilo que as cidades podem fazer ao inscrever a cultura no seu quotidiano”. E, de forma inesperada para Teresa Gafeira, actriz e figura marcante do TMJB, e também para a própria presidente da Câmara de Almada, Inês de Medeiros, anunciou que a DGArtes “tem vontade de apoiar mais, economicamente, o Festival de Almada nos próximos anos”.

Para Teresa Gafeira que, antes de ouvir Américo Rodrigues, referia que a Companhia de Almada tinha “poucos recursos financeiros” para o Festival, pelo que agradecia o abraço do Teatro D. Maria II e do Centro Cultural de Belém à Companhia de Teatro de Almada para que alguns dos espec-

táculos fossem possíveis, registou que “estas palavras fazem-nos sonhar com um Festival ainda maior”.

De alguma forma, estava quebrada a tensão de 2018 pela diminuição de verbas da DGArtes para a Companhia da Teatros de Almada. Na altura, Rodrigo Francisco afirmava que a edição desse ano estava em causa devido à diminuição de verbas, e apesar de Inês de Medeiros vincar que a Câmara de Almada defendia o Festival pela sua “importância como acto único no panorama teatral português”, o certo é que o Festival de Almada criado por Joaquim Benite quase tremeou.

“No ano passado o Festival de Almada teve um rude golpe”, lembrava Inês de Medeiros que, então, com Rodrigo Francisco, reuniu com a Ministra da Cultura. “Entrámos em protesto e saímos mais contentes. Agora é só concretizar”. Para a presidente da Câmara de Almada o horizonte é colocar o Festival de Almada a galgar ainda mais fronteiras; uma ideia na linha de pensamento de Joaquim Benite que ainda em 2012, ano em que morreu, colocava o Festival de Almada num parâmetro próximo do Festival d’Avignon.

“Almada orgulha-se de tudo que tem feito pelo teatro e quer fazer mais. É o maior evento nacional de teatro com repercussões internacionais”, diz Inês de Medeiros que em 2018 lançou o desafio para o Festival “trazer espetáculos para a rua”, e assim vai acontecer na Praça São João Baptista a 5 de Julho com “A Partida”, e “Fahrenheit Ara Parcís”, dia 12.

38 espetáculos em 15 palcos

A 36.ª edição do Festival de Almada apresenta, em estreia, uma adaptação pela Companhia de teatro residente de “Se é Isto um Homem”, de Primo Levi, com encenação de Rogério de Carvalho e interpretação de Cláudio da Silva, bem como de “O Sonho”, de Strindberg, encenado por Carlos Avilez e apresentado pelo Teatro Experimental de Cascais.

A atriz Maria de Medeiros vai partilhar o palco do Teatro Municipal Joaquim Benite com Bulle Ogier nos dias 07 e 08 de Julho em “Un Amour Impossible”, que parte do romance de Christine Angot, numa encenação de Célie Pauthe que se estreou em Paris em 2017.

Para além das já anunciadas presenças do encenador Robert Wilson e da atriz Isabelle Huppert em “Mary Disse o Que Disse”, de Darryl Pinckney, o Festival de Almada recebe a estreia nacional de “Macbettu”, encenado por Alessandro Serra,

O Festival abre a 4 de Julho, na Escola D. António da Costa, com “A Boda”, de Bertolt Brecht, encenado por Ricardo Aibéo, seguindo-se, nos dias 5, 6 e 7, na Incrível Almadense, “Provisional Figures”, projeto de Marco Martins com não-atores de Great Yarmouth, no Reino Unido.

Também a partir de dia 5, o Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, vai receber “As Três Sozinhas”, de Anabela Almeida, Cláudia Gaiolas e Sílvia Filipe.

Ao longo da programação são múltiplas as presenças da língua castelhana, começando com “La Partida”, de Vero Cendoya, um espetáculo de rua coreográfico para cinco bailarinas, cinco jogadores

de futebol e um árbitro a partir de textos de Eduardo Galeano, que vai ter lugar na Praça São João Baptista, igualmente no segundo dia de festival.

Rafael Álvarez encena “Esquilo, Nacimiento y Muerte de la Tragedia”, enquanto a companhia T4, de Buenos Aires, leva ao palco “Un Poyo Rojo”, havendo ainda espaço para a também argentina “País Clandestino”, de Maëlle Poësy e Jorge Eiro.

O Théâtre de Nîmes, de França, leva à Escola D. António da Costa “Franito”, “uma revisitação brilhante do flamenco” encenada por Patrice Thibaud, enquanto a companhia Non Nova, de Nantes, apresenta “Saison Sèche”, peça estreada no Festival de Avignon do ano passado com encenação e dramaturgia de Phia Ménard e Jean-Luc Beaujault.

Por seu lado, as companhias 1er Temps, de Dakar, e ABC, de Paris, levam a Almada “De Quoi Sommes Nous Ffaits?!” uma proposta coreográfica para quatro intérpretes de Andréya Ouamba com encenação de Catherine Boskowitz.

O espetáculo de honra deste ano – escolhido pelo público da edição anterior para que se repetisse em 2019 – cabe a “Dr. Nest”, da alemã Familie Flöz, e vai ser levado à cena no dia 14, no palco grande da Escola D. António da Costa.

O festival vai também receber concertos, uma noite para crianças na esplanada da Escola D. António da Costa no dia 9 de Julho, cursos de formação, exposições e debates.

As assinaturas do festival custam 75 euros, enquanto os preços dos bilhetes para os espetáculos individuais variam consoante a sala em Almada, Lisboa e Cascais.

Cartaz e exposição de Luís de Matos

O cartaz deste ano é uma criação de Luís Lázaro de Matos, interpretado pelo autor como uma “cenografia de partes do corpo humano [pé e mão], que se desdobram em várias personagens”, uma delas, revela, “é Oscar Wilde”. O escritor, poeta e dramaturgo

britânico está retratado num dedo do pé.

Luís Matos é ainda autor da exposição “Zoo”, na Casa da Cerca, onde criou um espaço de relação interior e exterior que alude a uma jaula numa Londres do século XIX que remete à poluição industrial.